

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Ilmo. e Exmo. Sr. Leitor Antonio Dominguez Calvo



A imperdível seção *Cartas do JB* do último domingo, 17, registra com o habitual cuidado no resumo da carta do leitor e saúda o leitor Antonio Dominguez Calvo, sua preocupação, "quanto à atual composição do Congresso Nacional".

Na fundamentação dos seus receios com o comportamento do Legislativo, o arguto leitor faz as contas do resultado da votação da Câmara que cassou o mandato do ex-representante do desasturado eleitorado de Rondônia, Jabes Rabelo, para verificar que se o resultado mereceu as celebrações do desafogo da sociedade, ele na verdade revelou os esconhosos do fundo do quintal do Legislativo, ao contrapor aos 270 votos que garantiram a operação de limpeza, 196 parlamentares que não se sensibilizaram com a indispensável, tardia e incompleta faxina.

A bancada de fantasmas do porão amoitou-se nos quatro esconderijos habituais: 150 mais descarados votaram mesmo contra a cassação do Jabes; 31 se abstiveram, lavando as mãos na água suja da omissão; 13 votaram em branco, cúmplices na fuga à responsabilidade; e dois desastrosos anularam o voto, provavelmente porque, por falta de prática, desaprenderam a votar.

Alarmado, o leitor imagina que a diferença relativamente escassa não oferece a necessária tranquilidade para o risco de uma virada e, de repente, o Congresso pode ser dominado pelos parceiros do ex-deputado da acabrunhada Rondônia.

Provocado pelas inteligentes observações de Antonio Dominguez Calvo, peço licença para acrescentar as suas ponderações uma outra avaliação complementar.

Pois, meu caro leitor, a divisão do plenário da Câmara em votação acompanhada pelo raro interesse da opinião pública pelo que acontece no Congresso e sob pressão e cobrança da imprensa, denunciou, na sua dimensão assustadora, a bancada dos anônimos, dispersa por todas as siglas e que se identifica por suas características específicas e singulares.

Antes de ir adiante, convém explicitar alguns reparos aos números escandalosos. Não custa ser justo e é sempre necessária a exatidão: dos 196 deputados que se uniram na corrente para inocentar Jabes, alguns — e não tão poucos assim — inspiraram-se em razões equivocadas, mas respeitáveis. Nem todos se convenceram com a apuração da culpa do ex-deputado na falsificação da carteira de assessor para o mano Abidiel, condenado como narcotráficante; outros reagiram contra a impertinência da cobrança da imprensa e, afinal, entre os solidários, alinharam-se os que se consideram vítimas de denúncias levianas e injustas.

Dados os descontos, digamos que no fundo da peneira sobre de uma centena a 120 deputados.

Esse, talvez, seja o tamanho aproximado da bancada que fez a sua estreia na Constituinte, enlouquecendo as votações, e que inflou no Congresso atual, embora renovando-se com a troca de nomes desconhecidos.

O fenômeno, com tais dimensões e particularidades, é absolutamente novo. Por certo que os congressos de antes dos 21 anos de arbitrio e de desordem partidária abrigaram parlamentares que primavam pela ausência ou pelo desligamento dos trabalhos legislativos. Eram exceções, contadas pelos dedos, malsinados pelo desprezo da maioria.

Agora, a bancada ganhou *status* de segunda ou terceira força na Câmara e vai firmando sua representação no Senado.

A estatística precária da votação que assustou o leitor confirma que ela representa mais de um quinto da Câmara: a anárquica bancada dos omissos, dos ausentes crônicos, destruturante, inorgânica, rebelde a toda disciplina, desvinculada de partidos.

Deputados que se elegeram comprando o voto na manipulação despuddorada das facilidades da legislação eleitoral velha e casuística e que é mesmo um convite à fraude.

Infiltram-se nas legendas pelas beiradas para facilitar a operação da aquisição do mandato. Quando não conseguem vaga nas chapas dos partidos maiores, alugam ou simplesmente registram uma sigla para a serventia exclusiva do atendimento das exigências cartoriais.

Em qualquer caso, não têm nada a ver com partidos ou com a atividade política regular. Não são do ramo, nem militantes nem curiosos. Estão em outra: testas-de-ferro de lobbies, defensores de maroteiras de bastidores ou carentes da proteção do mandato parlamentar — garantia da impunidade e de comprovada eficiência na abertura de portas, no acesso a gabinetes e na facilitação de negócios.

Depois, que diabo, apesar dos pesares, deputado é título de prestígio; além de engordar, generosamente, a conta bancária. As vezes, até de mais, no exagero da suspeição.

A bancada dos fantasmas do porão é um dos fatores da balbúrdia que grasa no Congresso, das dificuldades de quórum, da imprevisibilidade das votações, das cenas de molecagem que transformam o plenário em picadeiro, da demagogia que contamina decisões extravagantes.

O pior, leitor, é que o mal parece de difícil extirpação. Ao contrário, tende a inchar no próximo Congresso. Ou nos próximos.

Até que a reação consciente do eleitorado ou a mobilização do próprio Legislativo aplique os corretivos energéticos de limpeza em regra. A começar pela moralização do sistema eleitoral e pela reestruturação da bagunça partidária.

Até lá, leitor, pau neles.